

A Fé Explicada

CAPÍTULO I

O fim da existência do homem

Por que estou aqui?

Será que o homem é um mero acidente biológico? E o género humano, uma simples etapa num processo evolutivo cego e sem sentido? Será que esta vida humana não passa de uma cintilação entre a longa escuridão que precede a concepção e a escuridão eterna que virá após a morte? E eu, serei apenas um grão de poeira insignificante no universo, lançado à existência pelo poder criador de um Deus indiferente, como a casca de laranja inútil que se joga fora sem pensar? Tem a vida alguma finalidade, algum plano, algum propósito? Enfim, de onde é que eu venho? E por que estou aqui?

Estas são as questões que qualquer pessoa normal levanta quando atinge idade suficiente para pensar com certa sensatez. Por isso, o Catecismo da Igreja Católica propõe-nos já no seu Prólogo a questão da nossa origem e do nosso fim: “Deus, infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, num designio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar da sua vida bem-aventurada” (n. 1)¹.

É, condensada ao máximo, a resposta a todas as questões que formulávamos acima, e que podem resumir-se nesta outra: “Para que nos fez Deus?”

Ao respondermos a essa pergunta, veremos que a resposta tem duas vertentes: a de Deus e a nossa. Se a considerarmos do ponto de vista de Deus, a resposta é Deus nos fez *para mostrar a sua bondade*. Uma vez que Ele é o Ser infinitamente perfeito, a principal razão pela qual faz uma coisa deve ser uma razão infinitamente perfeita. Mas só há uma razão infinitamente perfeita para se fazer uma coisa é fazê-la por Deus. Por isso, seria indigno de Deus, contrário à sua infinita perfeição, que Ele fizesse alguma coisa por uma razão inferior a Si mesmo.

Talvez compreendamos melhor esta verdade se a aplicarmos a nós. Mesmo para nós, a maior e melhor razão para fazermos alguma coisa é fazê-la por Deus. Se faço alguma coisa por outro ser humano – por mais nobre que seja a intenção, como alimentar um faminto – e a faço especialmente por essa razão, sem me referir a Deus de alguma forma, faço algo imperfeito. Não é uma coisa *má*, mas menos perfeita, e isso seria assim mesmo se fosse um anjo ou a própria Virgem Santíssima quem

¹ Pela sua frequência, as citações do Catecismo da Igreja Católica serão feitas somente pelo número. Apenas naqueles casos em que se citar outra obra é que se indicará expressamente que se trata de outra fonte.

realizam- sem essa ação, se prescindissem de Deus. Não existe um motivo maior para fazer uma coisa do que fazê-la por Deus, e isso é certo tanto para o que Deus faz como para o que nós fazemos.

A primeira razão, a grande razão pela qual Deus fez o universo e nos fez a nós, foi, portanto, a sua própria glória: para mostrar o seu poder e bondade infinitos. O seu infinito poder mostra-se pelo fato de existirmos. A sua infinita bondade, pelo fato de Ele nos querer fazer participar do seu amor e felicidade. E se nos parece que Deus é egoísta por fazer as coisas para sua própria honra e glória, é porque não podemos deixar de pensar nEle em termos humanos. Pensamos em Deus como se fosse uma criatura igual a nós. Mas a verdade é que não existe nada nem ninguém que mais mereça ser objeto do pensamento de Deus ou do seu amor que o próprio Deus.

No entanto, quando dizemos que Deus fez o universo (e nos fez a nós) para a sua maior glória, não queremos dizer, evidentemente, que Deus *necessitasse* dela de algum modo. A glória que dão a Deus as obras da sua Criação é a que denominamos “glória extrínseca”: é algo “fora de Deus”, que não lhe acrescenta nada. Guardadas as devidas proporções, é como um artista com grande talento para a pintura e a mente repleta de imagens: se as projeta sobre a tela para que outros as vejam e admirem, isso de certa forma não lhe acrescenta nada: não o torna melhor nem mais talentoso do que era antes.

Assim, Deus nos fez primordialmente para a sua honra e glória. Daí que a primeira resposta à pergunta: “Para que nos fez Deus?” seja: “Para mostrar a sua bondades”. Porém, a principal maneira de Deus demonstrar a sua bondade baseia-se em que nos criou com uma alma espiritual e imortal, capaz de participar da sua própria felicidade. Mesmo nos assuntos humanos, sentimos que a bondade de uma pessoa se manifesta pela generosidade com que compartilha a sua pessoa e as suas posses com outros. Da mesma maneira, a bondade divina manifesta-se sobretudo pelo fato de nos fazer participar da sua própria felicidade, de nos fazer participar de *Si mesmo*.

Por essa razão, ao respondermos do nosso ponto de vista à pergunta: “Para que nos fez Deus?”, dizemos que nos fez *fazer-nos participar da sua vida bem-aventurada*. As duas respostas são como que as duas faces da mesma moeda, o anverso e o reverso: a bondade de Deus fez-nos participar da sua felicidade e a nossa participação na sua felicidade mostra a bondade de Deus.

Bem, e o que é essa felicidade da qual vimos falando e para a qual Deus nos fez?

Como resposta, começemos com um exemplo: o do soldado que servia numa base estrangeira. Certo dia, ao ler um jornal da sua terra enviado pela mãe, encontra nele a fotografia de uma moça. Não a conhece, e na verdade nunca ouvira falar dela antes,

mas ao ver a fotografia diz de si para si: “Como me agrada esta menina! Bem que eu gostaria de me casar com ela”.

Por sorte, o jornal traz o endereço dela e o soldado decide escrever-lhe, embora sem muita esperança de receber resposta. No entanto, depois de um tempo, a resposta chega. Começam uma correspondência regular, trocam fotografias e contam um ao outro todas as suas coisas. O soldado enamora-se cada dia mais dessa moça que nunca viu.

Finalmente, recebe a sua licença e volta para casa. Durante dois anos, namorou-a a distância; o seu amor por ela fez dele um soldado melhor e melhor homem, pois procurou ser o tipo de pessoa que ela queria que fosse. Fez as coisas como ela desejaria que as fizesse e evitou as que lhe desagradariam se chegasse a conhecê-la. Já é um anseio ardente por ela o que palpita no seu coração, e agora está voltando para casa.

Podemos imaginar a felicidade que embeberá cada fibra do seu ser quando, ao descer do trem, tomar enfim essa jovem nos seus braços? “Ah!, se este momento pudesse eternizar-se!”, exclamará ao abraçá-la. A sua felicidade é a felicidade do *amor alcançado*, do amor que se encontra em completa posse da pessoa amada. Chamamos a isto *fruição* do amor. Sempre recordará esse instante — o instante em que o seu anseio foi premiado com o primeiro encontro real — como um dos momentos mais felizes da sua vida na terra.

É também o melhor exemplo que podemos dar sobre a natureza da nossa felicidade no céu. É um exemplo penosamente imperfeito, extremamente inadequado, mas o melhor que pudemos encontrar. Porque a primordial felicidade do céu consiste exatamente nisto: em que possuiremos a Deus infinitamente perfeito e seremos possuídos por Ele, numa união tão absoluta e completa que nem sequer remotamente podemos imaginar o êxtase que dela nos advirá.

E não será apenas um ser humano que possuiremos, por mais admirável que seja. Será o *próprio* Deus a quem nos uniremos de um modo pessoal e consciente; Deus que é Bondade, Verdade e Beleza infinitas; Deus que é tudo, e cujo amor infinito pode satisfazer (como nenhum amor na terra) todos os desejos e aspirações do coração humano. Conheceremos então uma felicidade tão arrebatadora que diremos dela, com palavras de São Paulo, que *os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam* (1Cor 2,9). E esta felicidade, uma vez alcançada, nunca mais se poderá perder.

Mas isto não significa que ela se vá prolongar por horas, meses e anos. O tempo é algo próprio do mundo material perecível. Quando deixarmos esta vida, deixaremos também o tempo que conhecemos. Para nós, a eternidade não será “uma temporada muito longa”, pois a sucessão de momentos que experimentaremos no céu — o tipo

de duração que os teólogos chamam *aevum* — não serão ciclos cronometráveis em horas e minutos. Não haverá sentimento de “espera”, nem sensação de monotonia, nem expectativa do amanhã. Para nós, o “agora” será a única coisa que contará.

É nisto que consiste a maravilha do céu: não acabará nunca. Estaremos absorvidos na posse do maior Amor que existe, diante do qual o mais ardente dos amores humanos é uma pálida sombra. E o nosso êxtase não será perturbado pelo pensamento de que um dia terá de acabar, como acontece com todas as felicidades terrenas.

É claro que ninguém é absolutamente feliz nesta vida. Às vezes, muitos pensam que o seriam se pudessem alcançar todas as coisas que desejam. Mas quando o conseguem — saúde, riqueza e fama; uma família carinhosa e amigos leais —, acham que ainda lhes falta alguma coisa. Ainda não são sinceramente felizes. Sempre falta algo que o seu coração deseja.

Há pessoas mais sábias, que sabem que o bem-estar material é uma fonte de felicidade que a longo prazo decepciona. Com frequência, os bens materiais são como a água salgada para o sedento: em vez de satisfazerem a ânsia de felicidade, intensificam-na. Esses sábios descobriram que não há felicidade tão profunda e permanente como a que brota de uma fé viva em Deus e de um ativo e frutífero amor de Deus. Mas mesmo esses sábios percebem que a sua felicidade nesta vida nunca é perfeita, nunca é completa. Mais ainda, são eles, mais do que ninguém, quem sabe como a felicidade deste mundo é inadequada, e é precisamente nisso — no fato de nenhum humano jamais ser perfeitamente feliz nesta vida — que encontramos uma das provas da existência da felicidade eterna, que nos aguarda após a morte.

Deus, que é infinitamente bom, não poria nos corações humanos esta ânsia de felicidade perfeita se não houvesse algum modo de satisfazê-la; Deus não tortura com a frustração as almas que criou. Mas, mesmo que as riquezas materiais ou espirituais desta vida *pudessem* satisfazer todos os desejos humanos, permaneceria a certeza de que um dia a morte nos tirará tudo — e a nossa felicidade seria incompleta. No céu, pelo contrário, não só seremos felizes com a máxima capacidade do nosso coração, mas teremos, além disso, a perfeição final da felicidade, por sabermos que nada no-la poderá arrebatá-la. Está assegurada para sempre.

Que devo fazer?

Temo que muitas pessoas encarem o céu como um lugar onde encontrarão os entes queridos falecidos, mais do que o lugar onde encontrarão a Deus. É verdade que no céu veremos as pessoas queridas e que a sua presença nos alegrará. Quando estivermos com Deus, estaremos com todos os que estão com Ele, e nos alegrará saber que os nossos entes queridos estão ali, como também Deus se alegra de que estejam. Queremos também que aqueles que aqui deixamos alcancem o céu, como Deus quer que o alcancem.

Mas o céu é algo mais do que uma reunião de família. Para todos os que o alcançam, é Deus quem importa. Numa escala infinitamente maior, será como uma audiência com o Santo Padre. Cada membro da família que visita o Vaticano sente-se contente de que os demais estejam ali. Mas, quando o Papa entra na sala de audiências, é para ele, principalmente, que se dirigem os olhos de todos. De modo semelhante, todos nós nos conheceremos e nos amaremos no céu, mas nos conheceremos e nos amaremos *em Deus*.

Nunca se ressaltará o bastante que a felicidade do céu consiste essencialmente na amorosa visão intelectual de Deus — na posse final e completa de Deus, a quem nesta terra desejamos e amamos debilmente e de longe. E se este há de ser o nosso destino — estarmos eternamente unidos a Deus pelo amor —, segue-se daí que temos de começar a amá-lo aqui nesta vida.

Deus não pode elevar à plenitude o que nem sequer existe. Se não há um princípio de amor de Deus em nosso coração aqui na terra, não pode haver a fruição do amor na eternidade. Foi para isso que Deus nos colocou na terra: para que, amando-o, estabeleçamos os alicerces necessários para a nossa felicidade no céu.

Falamos antes do soldado que, servindo numa base longínqua, viu o retrato de uma moça num jornal e se enamorou dela. Começou a escrever-lhe e, quando regressou ao lar, conseguiu por fim fazê-la sua. É evidente que, se logo de início o rapaz não se tivesse impressionado com a fotografia, ou se após umas poucas cartas tivesse perdido o interesse por ela, pondo fim à correspondência, essa jovem não teria significado nada para ele no momento do seu regresso. E mesmo que a encontrasse na estação, à chegada do trem, para ele o seu rosto teria sido como outro qualquer na multidão. O seu coração não se sobressaltaria ao vê-la.

Do mesmo modo, se não começamos a amar a Deus nesta vida, não haverá maneira de nos unirmos a Ele na eternidade. Para aquele que entra na eternidade sem amor de Deus em seu coração, o céu *simplesmente não existirá*. Assim como um homem sem olhos não poderia ver a beleza do mundo que o rodeia, um homem sem amor de Deus não poderá ver a Deus; entra na eternidade cego. Não é que Deus diga ao pecador impenitente (o pecado não é senão uma negativa ao amor de Deus): “Como tu não me amas, não quero nada contigo. Vai para o inferno!” O homem que morre sem amor a Deus, ou seja, sem arrepender-se do seu pecado, fez a sua própria escolha. Deus está ali, mas ele não pode vê-lo, assim como o sol brilha, mas o cego não o pode ver.

É evidente que não podemos amar o que não conhecemos. Isto leva-nos a outro dever que temos nesta vida: aprender tudo o que pudermos sobre Deus, para podermos amá-lo, manter vivo o nosso amor e fazê-lo crescer. Voltando ao nosso soldado imaginário: se esse rapaz não tivesse visto a fotografia da moça, é claro que

nunca teria chegado a amá-la. Não poderia ter-se enamorado de alguém de quem nem sequer tivesse ouvido falar. E se, mesmo depois de ver a fotografia da jovem, não lhe tivesse escrito e chegado assim a conhecer o seu atrativo, o primeiro impulso de interesse nunca se teria transformado em amor ardente.

É por isso que “estudamos religião”. Por isso temos aulas de catecismo na escola ou na paróquia e cursos de religião no ensino médio. Por isso ouvimos homilias aos domingos e lemos livros e revistas de doutrina cristã. Por isso procuramos adquirir um conhecimento doutrinal apropriado ao nosso nível de cultura através de círculos de estudo, palestras, etc. São parte do que poderíamos chamar a nossa correspondência com Deus. São parte do nosso esforço por conhecê-lo melhor, para que o nosso amor por Ele possa crescer, desenvolver-se e conservar-se.

Há, evidentemente, uma única pedra de toque para provarmos o nosso amor por alguém: é fazer o que agrada à pessoa amada, o que ela gostaria que fizéssemos. Servindo-nos uma vez mais do exemplo do nosso caro soldado: se, ao mesmo tempo que dissesse amar a sua namorada e querer casar-se com ela, se dedicasse a gastar o seu tempo e dinheiro com prostitutas e em bebedeiras, seria um mentiroso de primeira classe. O seu amor não seria sincero se não procurasse ser o tipo de homem que ela queria que fosse.

De modo semelhante, só há uma maneira de provarmos o nosso amor a Deus é fazer o que Ele quer que façamos, sendo o tipo de ser humano que Ele quer que sejamos. O amor a Deus não está sobretudo nos sentimentos: amar a Deus não significa que o nosso coração deva dar saltos cada vez que pensamos nEle. Algumas pessoas *poderão* sentir o seu amor a Deus de modo emotivo, mas não é isso o essencial. Porque o amor a Deus reside na *vontade*. Provamos o nosso amor a Deus não pelo que *sentimos por Ele*, mas pelo que *estamos dispostos a fazer por Ele*.

E quanto mais fizermos por Deus aqui neste mundo, tanto maior será a nossa felicidade no céu. Talvez pareça um paradoxo afirmar que no céu uns serão mais felizes do que outros, quando acabamos de dizer que no céu todos serão *perfeitamente* felizes. Mas não há contradição. Aqueles que mais tiverem amado a Deus nesta vida serão mais felizes quando esse amor se consumir no céu. Um homem que ame a sua noiva só um pouco será feliz ao casar-se com ela; mas outro que ame mais a sua, será mais feliz que o primeiro na consumação do seu amor. Da mesma maneira, quando cresce o nosso amor a Deus (e a nossa obediência à sua vontade), cresce a nossa capacidade de sermos felizes em Deus.

Em consequência, embora seja certo que cada bem-aventurado será *perfeitamente* feliz, também é verdade que uns terão maior *capacidade* de felicidade que outros. Para citar um antigo exemplo: uma garrafa de um quarto e uma garrafa de um litro podem estar igualmente cheias, mas a garrafa de um litro contém mais que a de um

quarto. Ou, para servir-nos de outra comparação: seis pessoas ouvem uma sinfonia; todas estão absortas na música, mas haverá seis graus diferentes de saboreá-la, que dependerão dos conhecimentos e da capacidade de apreciar a música de cada um.

É tudo isto o que o Catecismo da Igreja Católica nos diz quando afirma que “desde sempre e em todo o lugar, (Deus) está perto do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças” (n. 1). Esta última ação, “amar”, é a palavra-chave, essencial. Mas o amor não se dá sem prévio conhecimento: é indispensável conhecer a Deus para poder amá-LO. E não é amor verdadeiro aquele que não se manifesta em obras, fazendo o que o amado quer. Assim, devemos também *servir a Deus*.

Mas antes de darmos por concluída a nossa resposta à pergunta: “Que devo fazer?”, convém recordar que Deus não nos deixa abandonados à nossa humana debilidade na tarefa de conhecê-LO, amá-LO e servi-LO. A felicidade do céu é uma felicidade intrinsecamente *sobrenatural*. Não é algo a que tenhamos direito: é uma felicidade sobrenatural, que ultrapassa a nossa natureza humana. Mesmo amando a Deus, ser-nos-ia impossível contemplá-LO no céu se Ele não nos desse um poder especial.

Este poder especial que Deus dá aos bem-aventurados – que não faz parte da nossa natureza humana e a que não temos direito – chama-se *lumen gloriae*. Se não fosse por essa “luz da glória”, a felicidade mais alta a que poderíamos aspirar seria a felicidade natural. Seria uma felicidade muito semelhante àquela de que goza o santo nesta vida, quando está em união próxima e extática com Deus, mas sem chegar a ve-LO.

A felicidade do céu é, pois, uma felicidade *sobrenatural*. Para alcançá-la, Deus oferece-nos os auxílios sobrenaturais a que chamamos “graças”. Se Ele nos deixasse entregues somente às nossas forças, jamais conseguiríamos o tipo de amor que nos faria merecer o céu. É um tipo especial de amor, a que chamamos “caridade”, e cuja semente Deus implanta em nossa vontade no Batismo. Se cumprirmos a nossa parte, procurando, aceitando e utilizando as graças com que Deus nos prové, este amor sobrenatural crescerá em nós e dará fruto.

O céu é uma recompensa sobrenatural que alcançamos vivendo a vida sobrenatural, e essa vida sobrenatural é conhecer, amar e servir a Deus sob o impulso da sua graça. Este é todo o plano e toda a filosofia de uma vida autenticamente cristã.

Quem me ensinará?

Observemos uma cenazinha que bem poderia acontecer: o diretor de uma fábrica leva um de seus operários para junto de uma nova máquina que acaba de ser instalada. É enorme e complicada. O diretor diz ao operário: “Você está nomeado

encarregado desta máquina. Se fizer um bom trabalho com ela, terá uma bonificação de cinco mil dólares no fim do ano. Mas, como é uma máquina de grande valor, se você a estragar, será despedido. Aqui está um folheto com as instruções de funcionamento. E agora, ao trabalho!”

– “Um momento - dirá certamente o operário. Se isto significa ganhar um montão de dinheiro ou então ficar sem trabalho, preciso de algo mais do que um simples livrinho. É muito fácil entender mal um livro. Além disso, a um manual não se podem fazer perguntas. Não seria melhor chamar alguém da assistência técnica autorizada, ou até alguém lá da matriz da fábrica? Esses, sim, é que poderiam explicar-me tudo e certificar-se de que entendi bem”.

Seria um pedido razoável. Da mesma forma, quando nos dizem que toda a nossa tarefa na terra consiste em “conhecer, amar e servir a Deus”, e que toda a nossa felicidade eterna depende de fazermos isso bem feito, poderemos com razão perguntar: “E quem me explicará a maneira de cumprir essa tarefa? Quem me dirá o que preciso saber?”

Deus antecipou-se à nossa pergunta, e não só não se limitou a por um livro em nossas mãos, e depois que nos arranjassemos o melhor que pudéssemos para interpretá-lo, como enviou Alguém “lá da matriz” para que nos dissesse o que precisamos saber para decidir o nosso destino. Deus enviou nada menos que *o seu próprio Filho*, na Pessoa de Jesus Cristo. Jesus não veio à terra unicamente para morrer numa cruz e redimir os nossos pecados; veio também para ensinar com a palavra e com o exemplo. Veio para nos ensinar as verdades sobre Deus que nos levam a amá-lo, e para nos *mostrar* o modo de vida que prova o nosso amor.

Jesus deixou de estar fisicamente presente entre nós quando subiu ao céu quarenta dias após a Ressurreição. Mas concebeu o modo de permanecer conosco como Mestre até o fim dos tempos. Servindo-se dos seus doze apóstolos como núcleo e base, modelou um novo tipo de Corpo. É um Corpo *Místico*, mais do que físico, pelo qual permanece na terra. Trata-se de um corpo semelhante ao corpo social, à sociedade, cujas células são as pessoas. A sua Cabeça é o próprio Jesus, e a Alma é o Espírito Santo; a Voz deste Corpo é a do próprio Cristo, que nos fala continuamente para nos ensinar e guiar. A este Corpo, o Corpo Místico de Cristo, chamamos *Igreja*.

É isto o que o Catecismo da Igreja Católica nos ensina ao recordar que “[Deus] convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade da sua família, que é a Igreja. Faz isto através do Filho, que enviou como Redentor e Salvador quando os tempos se cumpriram” (n. 1). E para que tenhamos bem à mão as principais verdades ensinadas por Jesus Cristo, a Igreja resumiu-as numa declaração de fé a que chamamos *Credo* ou *Símbolo dos Apóstolos*. Nele estão as verdades fundamentais sobre as quais se baseia uma vida cristã.

O Credo dos Apóstolos é uma oração antiquíssima, e ninguém sabe exatamente quando se enunciou com as palavras atuais. Data dos primeiros dias dos começos do cristianismo, o mais provável é que os Apóstolos, depois do Pentecostes e antes de começarem as suas viagens missionárias por todo o mundo, tenham formulado uma espécie de sumário das verdades essenciais que Cristo lhes havia confiado. Com ele, todos ficavam com a certeza de abrangerem essas verdades essenciais nas suas pregações. Serviria também como declaração de fé para os possíveis conversos, antes de se incorporarem ao Corpo Místico de Cristo pelo Batismo. Assim, podemos estar bem certos de que, quando entoamos o Creio em Deus Pai todo-poderoso..., recitamos a mesma profissão de fé que os primeiros convertidos ao cristianismo — Cornélio e Apolo, Aquila, Priscila e os outros — tio orgulhosamente recitaram e com tanta alegria selaram com o seu sangue.

Algumas das verdades do Credo dos Apóstolos, nós mesmos as poderíamos ter encontrado desde que estivéssemos nas condições ideais. Tais são, por exemplo, a existência de Deus, a sua onipotência, o fato de ser o Criador do céu e da terra. Outras, nós as conhecemos só porque Deus no-las ensinou, como o fato de Jesus Cristo ser o Filho de Deus, ou de haver três Pessoas em um só Deus. Ao conjunto de verdades que Deus nos ensinou (algumas compreensíveis para nós e outras acima do alcance da nossa razão), ou seja, às verdades reveladas por Deus, chamamos *Revelação divina* (*revelar* vem de uma palavra latina que significa “retirar o véu”).

Deus começou a retirar o véu que o encobria aos nossos olhos com as verdades que o nosso primeiro pai, Adão, nos deu a conhecer. No decorrer dos séculos, continuou a retirar o véu pouco a pouco. Fez revelações sobre Si mesmo e sobre nós aos patriarcas, como Noé e Abraão; a Moisés e aos profetas que vieram depois dele, como Jeremias e Daniel. As verdades reveladas por Deus desde Adão até o advento de Cristo chamam-se *revelação pré-cristã*. Foram preparação paulatina para a grande manifestação da verdade divina que Deus nos faria por seu Filho Jesus Cristo. As verdades dadas a conhecer diretamente por Nosso Senhor, por meio dos seus Apóstolos e sob a inspiração do Espírito Santo, chamam-se *Revelação cristã*.

Por meio de Jesus Cristo, Deus completou a revelação de Si mesmo à humanidade. Já nos disse tudo o que precisamos saber para cumprirmos o nosso fim e alcançarmos a eterna união com Ele. Consequentemente, após a morte do último Apóstolo (São João), não há “novas” verdades que a virtude da fé exija que creiamos.

Com o passar dos anos, os homens usarão da inteligência que Deus lhes deu para examinar, comparar e estudar as verdades reveladas por Cristo. O depósito da verdade cristã, como uma flor em botão que se abre, ir-se-á desdobrando ante a meditação e o exame das grandes inteligências de cada geração. Como é natural, nós no século XX *compreendemos* muito melhor os ensinamentos de Cristo que os cristãos

do século I. Mas a fé não depende da plenitude da compreensão: no que concerne às verdades de fé, nós cremos exatamente nas mesmas verdades em que creram os primeiros cristãos, nas verdades que eles receberam de Cristo e dos seus porta-vozes, os Apóstolos.

Quando o sucessor de Pedro, o Papa, define solenemente um dogma – como o da Assunção de Nossa Senhora aos céus –, não é que apresente uma nova verdade para ser crida; simplesmente nos dá pública notícia de que se trata de uma verdade que data do tempo dos Apóstolos e na qual, por conseguinte, devemos crer.

Desde o tempo de Cristo, houve muitas ocasiões em que Deus fez revelações a determinados santos e a outras pessoas. Estas mensagens denominam-se revelações «privadas». Diferentemente das revelações «públicas» dadas por Jesus Cristo e seus Apóstolos, estas só exigem o assentimento dos que as recebem. Mesmo aparições tão famosas como as de Lourdes e Fátima, ou a do Sagrado Coração a Santa Margarida Maria, não são o que chamamos matéria de fé divina. Se uma evidência clara e certa nos diz que essas aparições são autênticas, seria uma estupidez duvidar delas, mas se mesmo assim as negássemos, não incorreríamos em heresia. As revelações privadas não fazem parte do “depósito da fé”.

Agora que tratamos do tema da Revelação divina, seria bom indicar o livro que nos guardou muitas dessas revelações: a *Sagrada Bíblia*. Chamamos à Bíblia “Palavra de Deus” porque foi o próprio Deus quem inspirou os autores dos diferentes “livros” que a compõem. Deus os inspirou a escrever o que Ele queria que se escrevesse, e *nada mais*. Por sua ação direta sobre a mente e vontade do escritor (seja este Elias ou Ezequiel, Mateus ou Lucas) Deus Espírito Santo ditou o que queria que se escrevesse. Foi naturalmente, um ditado interno e silencioso. O escritor redigiria segundo o seu estilo de expressão próprio, mas, mesmo sem se dar conta do que o levava a registrar as coisas que escrevia, mesmo sem perceber que estava escrevendo sob a influência da inspiração divina, era o Espírito Santo quem guiava cada traço da sua pena.

É, pois, evidente que a Bíblia está livre de erros não porque a Igreja disse, após um exame minucioso, que nela não há erros, mas porque o seu autor é o próprio Deus, e o escritor humano um mero instrumento de Deus. A tarefa da Igreja foi dizer-nos *quais* os escritos antigos que são inspirados, conservá-los e interpretá-los.

Sabemos, por outro lado, que nem tudo o que Jesus ensinou está na Bíblia, que muitas das verdades que constituem o depósito da fé nos vieram pelo ensinamento oral dos Apóstolos e foram transmitidas de geração em geração por intermédio dos bispos, sucessores dos Apóstolos. É o que chamamos *Tradição da Igreja*: as verdades transmitidas através dos tempos pela viva Voz de Cristo na sua Igreja.

Nesta única fonte – a Bíblia e a Tradição – encontramos a Revelação divina completa, todas as verdades em que *devemos* crer.